HORIZONTE
ISSN 2175-5841
PUC Minas
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

CC BY

Dossiê: 60 anos do golpe de 1964: religião, política e sociedade – Temática Livre
DOI – *10.5752/P.2175-5841. 2024v22n68e226815*

A luta contra o modernismo dissolvente: Synesio Lyra e o fundamentalismo no Brasil (1930-1960)

The fight Against dissolving modernism: Synesio Lyra and Fundamentalism in Brazil (1930-1960)

Lyndon de Araújo Santos *

Resumo

No escopo das relações entre religião e política, o objetivo deste artigo é demonstrar o processo histórico de inserção do movimento fundamentalista no Brasil, no recorte temporal das décadas de 1930 a 1960. Para isso, parte da trajetória do pastor Synesio Lyra como um dos seus expoentes principais e um sujeito que circulou entre espaços eclesiásticos como seu representante, agente e intelectual. Com base em fontes documentais (jornais, revistas, atas, relatórios, boletins), sua trajetória foi conectada ao contexto e aos rumos do protestantismo ocidental no pós segunda guerra, bem como ao ambiente interno eclesiástico da UIECCB – União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil e da Confederação Evangélica do Brasil. As fontes foram problematizadas como narrativas em disputas, desveladoras dos conflitos institucionais, teológicos e ideológicos. O fundamentalismo nesse período foi, paradoxalmente, um movimento cismático que buscou a adesão de denominações protestantes, além de se organizar por meio da CIIC – Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (1948) e da ALADIC – Aliança Latino-americana de Igrejas Cristãs (1951). O seu discurso estruturou-se no anticomunismo, no anticatolicismo e no antiecumenismo, em sua luta imaginária contra o *modernismo dissolvente* de suas certezas (e interesses), narrativas que ainda subsistem em nossos dias.

Palavras-chave: Região e Política. Fundamentalismo no Brasil. Synesio Lyra.

Abstract

In the scope of relations between religion and politics, the objective of this article is to demonstrate the historical process of insertion of the fundamentalist movement in Brazil, from the 1930s to the 1960s. To this end, it starts from the trajectory of pastor Synesio Lyra as one of its main exponents and a subject who circulated among ecclesiastical spaces as their representative, agent and intellectual. Based on documentary sources (newspapers, magazines, minutes, reports, bulletins), pastor Lyra's path was connected to the context and direction of Western Protestantism after the Second World War, as well as to the internal ecclesiastical environment of the UIECCB – Union of Congregational and Christian Evangelical Churches of Brazil and the Evangelical Confederation of Brazil. The sources were problematized as narratives in disputes, revealing institutional, theological and ideological conflicts. Fundamentalism in this period was, paradoxically, a schismatic movement that sought the adhesion of Protestant denominations, in addition to organizing itself through the CIIC – International Council of Christian Churches (1948) and ALADIC – Latin American Alliance of Christian Churches (1951). Its speech was structured around anti-communism, anti-Catholicism and anti-ecumenism, in an imaginary fight against modernism that dissolved its certainties (and interests). Those narratives still exist today.

Keywords: Religion and Politics. Fundamentalism in Brazil. Synesio Lyra.

Artigo submetido em 18 de setembro de 2023 e aprovado em 23 de maio de 2024.

* Doutor em História pela UNESP. Mestre em Ciências da Religião pela UMESP. Graduado em História, Licenciatura pela UNESP. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-9181-2551. E-mail: lyndonasantos@gmail.com

Introdução

O presente artigo objetiva fazer uma leitura histórica do fundamentalismo, um movimento surgido nos Estados Unidos e que se introduziu nas condições históricas e sociais da América Latina e do Brasil (Marsden, 2006; Bellotti, 2008; Cunha, 2020). Falar dessa temática se torna central para a compreensão dos cenários atuais, no entrelaçamento entre política e religião, afetados pelas crises e ameaças à democracia e ao estado de direito. O fundamentalismo evangélico tem incidido de forma direta nos rumos da sociedade brasileira nas últimas décadas, com implicações para a sua diversidade e a sua pluralidade, provocando debates sobre a laicidade, a intolerância religiosa e o racismo religioso. Daí a necessidade de se compreender um fenômeno de longa duração que atravessou o século XX e se transmutou para os contextos latino-americano e brasileiro.

Como movimento histórico e social, o fundamentalismo estabeleceu-se no Brasil de forma definitiva nas décadas de 1940 a 1970. Nessas décadas, o minoritário protestantismo brasileiro articulava-se em torno da Confederação Evangélica do Brasil (CEB), com denominações organizadas e missões espalhadas no seu território, com exceção dos batistas.[1] As comunidades de vertente pentecostal começavam a se institucionalizar com o seu crescimento a partir da expansão urbana do país, a exemplo das Assembleias de Deus, sob o controle de lideranças suecas, brasileiras estadunidenses (Freston, 1993; Freire, 2019). Em geral, esse semento religioso protestante evangélico era conservador nos costumes e na teologia, mas ainda não estava sob o domínio hegemônico do fundamentalismo teológico, tal como se daria a partir da década de 1960 e, sobretudo, assim se mostraria no contexto recente.

A historiografia do protestantismo no Brasil ainda pouco explorou esse período, principalmente a partir do governo Vargas e sua ditadura estadonovista.[2] E, do mesmo modo, o contexto da chamada redemocratização

[1] A CEB havia sido criada em 1934, como resultado do movimento de cooperação que já atuava desde a primeira década do século XX e de esforços ecumênicos, impulsionados pela Conferência Missionária Mundial em Edimburgo (1910) e pelo Congresso do Panamá (1916) (ver Gonçalves, 2020a, 2020b; Longuini Neto, 2002). No entanto, seus alinhamentos em fins da década de 1930 sob o governo ditatorial de Getúlio Vargas, comprometeram o ideal ecumênico de suas primeiras lideranças.

[2] Fábio Py Murta de Almeida retrata esse período ao falar sobre o heterodoxo pastor batista Lauro Bretones, ligado ao movimento Diretriz Evangélica entre os anos de 1948 a 1956 (2016). Arnaldo Érico Huff Júnior descreve a década de 1950 a partir da trajetória de Richard Schaull e sua perspectiva da teologia da revolução (2012). Leandro Seawright

que se encerrou com o golpe civil-militar de 1964, precisa de uma maior análise histórica, quando se trata do protestantismo. Estes anos foram decisivos para uma reconfiguração da religião reformada no Brasil, inserido num campo religioso intensamente dinâmico nas suas mudanças e transformações (Santos, 2017b).

Daí se compreender a proposta deste artigo em contribuir com a discussão histórica e teológica acerca do protestantismo brasileiro, tendo o fundamentalismo como fenômeno que passou a integrar definitivamente o seu etos. Neste sentido, o estudo de trajetórias permite descortinar processos mais amplos que perpassaram em ações e em discursos de sujeitos representativos, que articularam contatos, espaços, atitudes e pensamentos. Esse foi o caso do Pr. Synesio Lyra que teve sua vida marcada pela postura polemista em defesa do fundamentalismo teológico e contra *o modernismo dissolvente*, e circulou entre espaços institucionais dentro e fora do país, estabelecendo contatos e diálogos para a causa do conservadorismo mais radical.

Não é de interesse de artigo fazer uma biografia de Synesio Lyra, persistindo numa ilusão biográfica (Bourdieu, 2006). Contudo, inserimos informações de sua vida que são importantes para a compreensão de sua figura histórica. Intentamos compreendê-lo como um agente e um intelectual no processo de inserção do fundamentalismo teológico no Brasil, alguém que agiu a partir de redes de relacionamentos, às quais esteve vinculado (Bourdieu, 2000; Martins, 2011; Lima, 2008). Pensamos nele como um sujeito engajado num campo de disputas narrativas e de posições nas instituições às quais atuou e, principalmente, como representante de um movimento teológico que se articulou para se tornar hegemônico.

1. O contexto eclesiástico

Lyra foi um intelectual identificado com a tradição protestante *congregacionalista*, tal como havia se construído no ocidente e no Brasil,[3] e

discorre sobre a relação dos batistas com o governo Vargas (2022) e Lyndon Santos contextualiza o protestantismo e o espaço público no início do período varguista (2017).

[3] Os congregacionalistas foram uma das vertentes eclesiásticas surgidas na Holanda e na Inglaterra em finais do século XVI e início do XVII, ao lado de independentes, separatistas, batistas, quackers, menonitas. Desenvolveram uma

integrou um grupo de intelectuais identificados com essa tradição, tais como Francisco de Souza, Ismael da Silva Júnior, Manoel da Silveira Porto Filho e Henriqueta Rosa Fernandes Braga (Freitas Júnior, 2023; Porto Filho, 1983; Braga, 1961). Ele construiu para si uma forma de ser evangélico a partir das suas vivências e experiências no contexto nordestino de origem, as quais desembocaram numa linguagem e numa prática em conformidade com a teologia mais conservadora da época. Tais vivências tiveram um contexto eclesiástico específico e integrado ao protestantismo nacional, a UIECCB – União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil.

Depois de utilizar diferentes nomes desde 1913, quando igrejas de regime congregacionalista se organizaram como uma denominação, a UIECCB formada em 1942 foi onde Lyra atuou como pastor e como liderança (Santos, 2023). Nela ele se constituiu como liderança ocupando cargos, escrevendo, pregando e sendo pastor da principal e pioneira igreja dessa tradição, a Igreja Evangélica Fluminense (IEF), fundada em 1858. Mesmo sendo uma pequena em expressão, a UIECCB vivenciou os processos comuns em curso no protestantismo brasileiro, conectado aos rumos e às tendências da religião reformada no ocidente.[4]

A fusão de congregacionais e cristãos evangélicos foi consumada nos dias 21 e 22 de junho de 1942, quando se reuniram em Santos, São Paulo, nas dependências do templo da Igreja Evangélica Santista, a XIII Convenção da União das Igrejas Evangélicas do Brasil (Governo Congregacional) e o Concílio da Igreja Cristã Evangélica do Brasil. Eram 89 igrejas congregacionais e 20 cristãs que decidiram-se pela fusão das duas entidades. O resultado foi uma composição eclesiástica híbrida, original e única no cenário evangélico brasileiro. Nesse contexto denominacional, Lyra atuou também como secretário do jornal *O Cristão*, compondo sua equipe editorial na década de 1940.[5]

O Rev. Rodolfo Anders, presbiteriano e secretário da Confederação

concepção de autonomia e independência da igreja local, separada do estado e funcionando por meio de mecanismos democráticos no processo de decisões diretas pela congregação (Dale, 1996; Rouner Jr, 1960; Porto Filho, 1983).

[4] Congregacionais e Cristãos Evangélicos se uniram a partir de interesses comuns e por terem se originado de uma mesma matriz missionária formada pelo casal Robert Reid Kalley (1842-1888) e Sarah Poulton Kalley (1825-1907). Ambos atuaram no período do Império, de 1855 a 1876. De modo original, duas correntes eclesiásticas com formas de governo e de batismo distintas, formaram uma estrutura eclesiástica que duraria até o ano de 1968. Lyra foi o relator da reunião entre as duas comissões dos congregacionais e cristãos evangélicos, quando selaram a fusão (Santos, 2023, p. 245).

[5] Este periódico fora fundado em 1892 e se tornou o órgão oficial da UIECCB.

Evangélica do Brasil (CEB), presidiu a cerimônia de criação da nova denominação (Santos, 2023, p. 248), tendo, portanto, nascido e sido credenciada por uma entidade de inspiração ecumênica. No relatório da CEB do biênio de 1940 a 1942, a aliança das duas vertentes eclesiásticas foi celebrada como expressão do movimento de unidade e de cooperação:

> A nota mais alegre, contudo, que ressoou como boa nova na *consciência do Evangelismo*, prova inequívoca de sua *unidade espiritual*, foi a fusão das Igrejas Congregacionais e Cristãs em um só organismo eclesiástico, sob a denominação de União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs Um grupo de idealistas de uma coordenação maior de nossas forças, que têm pregado a união das Igrejas que tenham grande afinidade entre si, com o objetivo de reduzir o número de organizações eclesiásticas, sem enfraquecer as Igrejas, tornando-as, pelo contrário, ainda mais fortes, vê dessa forma a concretização do primeiro passo nesse sentido, a colheita do primeiro fruto sazonado, e o *Evangelismo* todo se rejubila com esse memorável acontecimento. Pedimos permissão para registrar aqui o nosso agradecimento a Deus por haver permitido, e de modo todo inesperado por nós, que na noite de 20 de junho p. p., na cidade de Santos, tivéssemos o privilégio de presidir à sessão solene em que essa união foi efetivada. Louvamos o seu nome pelas bênçãos que desse fato certamente advirão para a Causa de Cristo em nossa terra (CEB, 1942, p. 12,13, grifos nossos).[6]

A fusão era a manifestação visível do ideal ecumênico que se buscava naquele momento, estando a UIECCB organicamente ligada à CEB e participando com lideranças na sua diretoria, a exemplo do próprio Synesio Lyra. Por paradoxal que pareça, a projeção de sua liderança se deu nesse contexto cooperativo, tanto da formação da UIECCB como na diretoria da CEB, não sem conflitos.

2. A trajetória ministerial

Synesio Atiliano Pereira Lyra nasceu em 23 de novembro de 1895 e faleceu no ano de 1993. Foi pastor da Igreja Evangélica Fluminense, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1938 e 1956 (IEF, 4 de setembro de 1938, p. 1).[7] A IE Fluminense surgira em meados do século XIX como uma igreja de regime independente, de configuração popular e multiclassista na sua formação social, localizada no bairro

[6] O termo utilizado pela CEB para se referir ao protestantismo nacional era *Evangelismo*, denotando o sentido de ser mais um movimento em sua unidade de propósitos, do que uma supressão das autonomias das igrejas em suas próprias tradições, regimes eclesiásticos e doutrinas. Nem *protestantismo*, nem *evangelicalismo*, nem *evangélicos*, nem *reformados*, o que expressava essa unidade espiritual, segundo a CEB, estava contido no termo *Evangelismo*, portador de uma consciência que poderia ser chamada de ecumênica ou cooperativa. O fundamentalismo, por meio das agências missionárias, iria ressignificar este conceito mais tarde, para o sentido de uma prática proselitista visando a conversão dos não evangélicos.

[7] A referência à IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE será doravante abreviada para IE Fluminense.

popular das camadas baixas da população carioca, a Saúde (Santos, 2017a).

Imagem 1 – Pr. SYNESIO LYRA

Fonte: O Christão, Ano LVIII, 31 de maio de 1949, nº 9-10, p. 57.

Antes de chegar no Rio de Janeiro, estudou no Seminário Cristão do Norte, em Recife, nos anos de 1920 a 1924, tendo sido aluno do pastor presbiteriano Jerônimo Gueiros, que foi professor, pastor, evangelista, polemista, orador, escritor e, conforme o próprio testemunho de Synesio Lyra, muito o influenciou com as aulas no seminário, com quem aprendeu sobre a língua portuguesa e a Teologia Sistemática (IEF, 12 de abril de 1953, p. 1). Essa afinidade e relação de amizade se tornariam decisivas para a sua trajetória dentro do movimento fundamentalista. Jerônimo Gueiros foi pai do Pr. Israel Gueiros, que se tornou um dos expoentes do fundamentalismo no contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil e do Concílio Internacional das Igrejas Cristãs, e amigo pessoal de Lyra.

A ordenação como pastor se deu em 31 de maio de 1925 e esteve como pastor da Igreja Evangélica Pernambucana, em Recife, de 1925 a 1938. Essa igreja, juntamente com a IEF, formava a base da experiência independente e congregacionalista no Brasil desde o século XIX.[8]

Lyra atuou como diretor do Jornal *Norte Christão*, Órgão Oficial da União Evangélica Regional do Nordeste, ligado então aos congregacionais, entre junho de 1926 e setembro 1928. Em suas páginas, escreveu e polemizou combatendo o catolicismo, o socialismo, o alcoolismo, a transubstanciação, o purgatório, a

[8] A Igreja Evangélica Pernambucana expressou surpresa com a *retirada* do seu pastor no ano de 1938: "Não pensávamos que o nosso querido Pastor ser-nos-ia tão depressa arrebatado" (IEF, 4 de setembro de 1938, p. 1).

adoração a Maria e outros temas religiosos, relacionados ao catolicismo e à imoralidade. Fez-se polemista a favor do protestantismo num contexto de acirramento das disputas religiosas entre católicos e protestantes, um prolongamento do que já vinha ocorrendo em fins do século XIX.

Nas edições de janeiro e de fevereiro de 1928, escreveu dois artigos de capa intitulados *A Infalibilidade dos Papas*, nos quais, juntamente com outros escritos, gerou uma forte reação católica (Norte Christão, 1928, p. 1). Havia um tensionamento por parte do catolicismo desde o início do século XX, com ações de perseguições e queimas de Bíblias, com posturas de radicalizações que contavam com a reciprocidade protestante. A polêmica foi acirrada com lideranças católicas e noticiadas na imprensa secular. Chegou-se a agendar um debate público com o capuchinho Frei Damião de Bozzano, em 1935, recebendo o apoio da imprensa e organizado pelo delegado local. O debate gerou o cordel *Nova Discussão religiosa do sábio missionário capuchinho Frei Damião de Bozzano e o Pastor evangélico Sinézio Lira*, e um opúsculo do pastor protestante, *Controvérsias Religiosas* (Araújo, 2020, p. 68 a 72), em ambos a vitória de cada um dos lados foi afirmada.

Imagem 2 – Capa do Opúsculo

Fonte: (Lyra, 1935.)

Essa experiência pública, de algum modo, serviu para formar uma atitude em Lyra que seria vista em embates futuros em sua visão sobre o catolicismo e

nos debates doutrinários. Entre 1938 e 1956, como pastor da IE Fluminense, despontou como expoente do fundamentalismo no Brasil, desde a UIECCB.

3. Um Divisor de Águas

Evento importante e divisor de águas na sua trajetória foi o *Sexto Concílio Congregacional Internacional*, ocorrido em 1949, em Boston, Estados Unidos, quando foi credenciado pela Junta Geral, corpo de dirigentes da UIECCB, a fim de representá-la "com plenos poderes" (O Christão, 31 de maio de 1949, p. 57).

A cúpula eclesiástica julgou ser proveitosa a sua ida e participação, estando habilitado a observar a posição doutrinária dos "irmãos congregacionais", pois, afirmou o jornal, "temos ouvido por *terceiros* que os congregacionais norte-americanos são heréticos, modernistas e outras coisas mais" (O Christão, 31 de maio de 1949, p. 57, grifo nosso). Além desse interesse, a 4ª Convenção Geral da UIECCB enviara um ofício aos congregacionais estadunidenses propondo um plano de cooperação e esperava que viessem missionários para atuarem na obra educativa e evangelística. Assim, a missão estava definida para obter recursos e missionários, além de fazer algo parecido com uma *espionagem*, pois "ele vai como nos tem dito, no espírito de Josué e Caleb, para ver os 'gigantes da terra' e tudo o mais que não nos cause 'assombração'" (O Christão, 31 de maio de 1949, p. 57).

Contudo, cinco anos antes do concílio, lideranças congregacionais estadunidenses visitaram o Brasil, representando duas importantes entidades internacionais, a *Junta Americana para Missões Estrangeiras* e o *Conselho Geral das Igrejas Congregacionais e Cristãs dos Estados Unidos*, estabelecendo contato entre os dois países e entidades que sinalizavam futuras relações (O Christão, 30 de abril de 1944, p. 99).

Os *visitantes ilustres* foram recebidos com deferência, cordialidade e interesse por parte das lideranças da UIECCB. Chegaram portando um ofício da *American Board Commissioners for Foreign Missions*, datado de 7 de maio de 1944, apresentando as credenciais dos seus representantes. O ofício trazia o propósito da visita ao Brasil que era o de "conhecermo-nos mutuamente e

expressar as saudações e o espírito de fraternidade das Igrejas Congregacionais e Cristãs dos Estados Unidos da América do Norte". Além disso, indagar a respeito de assuntos "que têm sido trazidos ao conhecimento das nossas igrejas" (O Christão, 30 de abril de 1944, p. 100).

A inciativa da visita era resultado da consulta enviada por um dos pastores da UIECCB, por meio do Sr. John Merle Davis,[9] "o qual é conhecido de vós, e de cujo trabalho no Brasil a favor do Conselho Internacional de Missões estais certamente informados" (O Christão, 1944, p. 100). O pastor da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, PB, no período era João Clímaco Ximenes, cuja forte, carismática e centralizadora liderança atravessou as décadas de 1920 a 1960. A Junta Americana, diplomaticamente, antes de responder ao pedido de cooperação da igreja de Campina Grande, tomou a iniciativa de consultar a UIECCB. Estrategicamente, os congregacionais estadunidenses tinham interesses institucionais voltados, dentre outros, para o "movimento cooperativo de todas as Igrejas Evangélicas mediante o Conselho Internacional de Missões e o Conselho Mundial de Igrejas" e "em continuar no processo de estreitar as nossas relações e fraternidade" (O Christão, 30 de abril de 1944, p. 100). Interessante notar que o ofício já citava o *Conselho Mundial de Igrejas* que seria fundado somente em 1948.

Os representantes se reuniram por duas vezes com as lideranças nacionais para tratarem do plano de cooperação. O então presidente interino da união de igrejas, o Pr. Ismael da Silva Júnior, expressou entusiasmo com o contato:

> Cremos sinceramente, que a cooperação convosco, desde que isso não implique em qualquer subordinação ou imposição de parte-a-parte, será muito desejável e de capital importância, na maior expansão do Reino de Deus. As vantagens de um intercâmbio de relações fraternais e cooperativas, entre as igrejas congregacionais e cristãs do Brasil e americanas do norte, podem ser inscritas no pensamento de Jesus expresso na oração sacerdotal (João 17.21). E bom será que isso realizemos para a glória do Senhor. [...] Em matéria de doutrina, somos fundamentalistas, mas subscrevemos o sábio princípio de Emilio Faguet: "Unidade no essencial, liberdade no secundário e caridade em tudo". Neste espírito, cremos que podemos bem nos entender e unidos servir ao Senhor, num espírito de mútua compreensão (O Christão, 30 de abril de 1944, p. 100).

[9] John Merle Davis (1875-1960) foi missionário da Associação Cristã de Moços no Japão e era um executivo da *International Missionary Council* (Anderson, 1998, p. 171).

Mesmo afirmando ser *fundamentalista*, Silva Júnior mantinha um canal aberto de diálogo e de abertura, o que indica que o sentido de ser fundamentalista ainda não se caracterizava como sendo intolerante e de negação ao diálogo. Para uma denominação carente de recursos, o contato abriria portas para a vinda destes, juntamente com a chegada de missionários, uma prática já seguida por outras igrejas. Na segunda-feira, 15 de maio de 1944, foi realizado um culto de despedidas no templo da Igreja Evangélica Fluminense dos representantes estadunidenses.

Imagem 3 – Despedida dos Drs. Goodsell e Greene.

Grupo tirado por ocasião da daspedida dos Drs. Goodsell e Greene.

Fonte: Jornal O Christão, Ano LIII, 15 e 31 de maio de 1944, nº 9-10, p. 99.

Desse modo, o diálogo havia sido aberto com horizontes promissores alimentado por ambas as partes. No entanto, os anos que se seguiram e a indicação de Synesio Lyra como representante no concílio em Boston, levaria ao retrocesso dessas aspirações e do "sonho que não viveu".

4. O concílio e os relatos de viagem

Em junho de 1949, quando do evento em Boston, apesar das boas impressões recíprocas deixadas quatro anos antes, havia uma visão preconcebida acerca dos congregacionais norte-americanos como *heréticos* e *modernistas*. Num texto anônimo, o jornal *O Christão* já incorporava em suas páginas esses termos, numa disputa discursiva que iria se acirrar durante a década de 1950, ao estabelecer as diferenças entre os fundamentalistas e os modernistas:

> 1. Os fundamentalistas mantêm a Bíblia que é a Palavra de Deus. Os modernistas afirmam que a Bíblia contém a Palavra de Deus.
> 2. Os fundamentalistas sustentam que Jesus Cristo era o Filho de Deus no sentido em que nenhum outro o seja (a segunda pessoa da Trindade). Os modernistas afirmam que Jesus Cristo é um filho de Deus, no sentido em que todos os homens o são.
> 3. Os fundamentalistas sustentam que o nascimento de Jesus Cristo foi SOBRENATURAL. Os modernistas mantêm que o nascimento de Cristo foi NATURAL.
> 4. Os fundamentalistas sustentam que a morte de Jesus Cristo foi expiatória (Ele morreu pelos nossos pecados como nosso substituto). Os modernistas afirmam que a morte de Jesus Cristo foi exemplar.
> 5. Os fundamentalistas sustentam que o homem é o produto de uma CRIAÇÃO especial. Os modernistas afirmam que o homem é produto da EVOLUÇÃO.
> 6. Os fundamentalistas sustentam que o homem é pecador, caído da retidão original e irremediavelmente PERDIDO, fora da graça redentora de Deus. Os modernistas afirmam que o homem é uma infeliz vítima do meio, mas pode fazer-se bom mediante a cultura individual.
> 7. Os fundamentalistas mantêm que o homem é justificado pela fé no sangue expiatório de Cristo; resultando, regeneração sobrenatural de CIMA. Os modernistas sustentam que o homem é justificado pelas obras, seguindo, o exemplo de Cristo; resultando desenvolvimento introspectivo. – *Ext (*O Christão, 1949, p. 69).

A pequena nota de pé de página ainda sem destaque se tornaria o discurso dogmatizante e estruturador dos conservadores fundamentalistas nos anos seguintes. A inspiração das escrituras, a divindade de Jesus Cristo e o seu nascimento virginal, o sacrifício expiatório dos pecados, o embate entre criação e evolução, o pecado original e justificação pela fé ou pelas obras, compunham os temas principais da plataforma teológica fundamentalista, desde o lançamento da coleção *The Fundamentals*, no período de 1910 a 1915 (Torrey; Dixon, 1988).

Entretanto, para demonstrar que esse discurso ainda não estava hegemônico, na edição de agosto do mesmo periódico, o Pr. Calvino Louzada Leite, no artigo *Ecumenismo e Realidade*, escreveu positivamente sobre o movimento de unidade das igrejas, embora identificando riscos e perigos. Por um lado, o *movimento ecumenista* poderia ajudar para uma maior cooperação entre os muitos ramos eclesiásticos. Por outro, o mesmo movimento incorreria na uniformização de um mesmo padrão doutrinário acima do que chamou de *mística denominacional*, cultivada pelas diferentes tradições. Seu ideal estava ligado à experiência primitiva e romântica da Igreja quando "da multidão dos que criam, o coração era um e a alma era uma" (O Christão, 1949, p. 102).

O *Sexto Concílio Congregacional Internacional* reuniu, nos dias 14 a 24

de junho de 1949, as principais igrejas e denominações do eixo congregacionalista anglo saxão, da Inglaterra, dos Estados Unidos, do Canadá e da Austrália (Proceedings Of The Sixth International Congregational Council, 1949). No ano anterior, a fundação da ONU e do CMI – Conselho Mundial de Igrejas foram eventos que redefiniam, por um lado, os rumos da nova ordenação jurídica internacional do ocidente e, por outro, o perfil de um protestantismo numa feição ecumênica, globalizado. O concílio organizou-se no entusiasmo dessa reordenação do protestantismo mundial, sob o imperativo da sua contribuição para o movimento ecumênico e da reconstrução da civilização após os horrores da segunda grande guerra.

A Confederação Evangélica do Brasil publicou nota intitulada *Uma Visão Ecumênica da Conferência Mundial das Igreja Congregacionais*, transcrita numa coluna no mês de setembro de 1949 em *O Christão*, dois meses após o evento, sendo uma tradução da que fora publicada pelo "Ecumenical Press Service" (1949, p. 8,9) de 18 de julho do mesmo ano.[10]

Foram cerca de mil delegados vindos de trinta e sete países, reunidos em Wellesley, Massachussets. Contudo, a assembleia de congregacionais confundia-se com os movimentos iniciais do CMI em fortalecer-se como entidade globalizada do protestantismo, estando os congregacionalistas inseridos organicamente nesse processo. Daí, o Diretor do Concílio Geral das Igrejas Congregacionais da América do Norte, Dr. Douglas Horton, ter declarado que

> O Congregacionalismo tem uma contribuição especial para o movimento ecumênico, porque Congregacionalismo é em espírito, uma Denominação interdenominacional. O significado ecumênico da Assembleia de Wellesley é tanto mais considerável, visto que uma Delegação de Jovens está tomando parte pela primeira vez, formando uma sessão permanente do Concílio. Quatro sessões matutinas foram consagradas à Assembleia do Concílio Mundial de Igrejas, de Amsterdam, cujos assuntos foram apresentados por pessoas capacitadas para serem discutidos detalhadamente nas sessões vespertinas. A Conferência de Wellesley distribuiu uma mensagem às Igrejas Congregacionais do Mundo, de que se destaca o seguinte: "*Cristo, o fundamento da Igreja Universal* (O Christão, 1949, p. 120)

[10] Esse periódico em seu décimo sexto ano era editado sob os auspícios do Conselho Mundial de Igrejas, do Conselho Missionário Internacional, da Aliança Mundial, da Associação Cristã de Moços, da Federação Mundial de Estudantes Cristãos, do Conselho Mundial de Educação Cristã e das Sociedades Bíblicas Unidas. O fato de ter sido traduzida e publicada pela CEB, representava a ligação com essas entidades ecumênicas internacionais, a resistente presença de um pensamento ecumênico na principal entidade protestante desse período e a sinalização da força do ecumenismo no contexto congregacional e cristão evangélico.

Aos congregacionais, cabia a responsabilidade de "trazer ao serviço da Igreja Universal aqueles princípios e práticas pelos quais Deus tem abençoado a nós e a nossos pais". Concluiu, então, dizendo: "não teremos contribuição digna a fazer à Igreja Universal sem um novo nascimento no interesse para com Deus e sua vontade, quer em nossas reuniões locais ou, mais amplamente, nos Concílios da Igreja" (O Christão, 1949, p. 120). Ao contrário das tendências históricas ao divisionismo, aquela junção representava a concretização de um ideal.

> Nós nos alegramos pela contribuição feita por todos os ramos da Igreja de Cristo à nossa vida comum. Alegramo-nos pelo desejo crescente de unidade manifesto pelo movimento ecumênico no trabalho comum aos cristãos, nos campos denominacionais, em cujas Igrejas o espírito de Deus habita. Peçamos perdão a Deus pelas diferenças que nos conservam separados e dediquemo-nos nós mesmo novamente ao serviço de Cristo como o único Cabeça da Igreja Universal. É nossa responsabilidade como Congregacionalistas, trazer ao serviço da Igreja Universal aqueles princípios e práticas pelos quais Deus tem abençoado a nós e a nossos pais. Não teremos contribuição digna a fazer à Igreja Universal sem um novo nascimento no interesse para com Deus e sua vontade, quer em nossas reuniões locais ou, mais amplamente, nos Concílios da Igreja (Confederação Evangélica do Brasil) (O Christão, 1949, p. 120)

Talvez, como prestação de contas, reação e resposta a essa nota e ao artigo de Calvino Louzada Leite, Lyra escreveu cinco artigos para o periódico oficial no estilo narrativo de um relato de viagem em sequência, publicados nos meses de outubro de 1949 a fevereiro de 1950.

Em seu primeiro relato, descreveu como foi recebido com entusiasmo e cordialidade pelas lideranças do evento, e como saudou aos presentes na assembleia "em nome de nossa União de Igrejas". Falou "das grandes possibilidades do Brasil evangélico e de suas necessidades, mostrando que apesar de estarmos marchando para o Centenário do começo da evangelização no Brasil", afirmou que "o trabalho evangélico entre nós ainda é pioneiro, dada a extensão territorial de nosso país" (O Christão, 1949, p. 128)

O segundo relato revelou seu estranhamento com aspectos estéticos das cerimônias que decorreram na programação, com os conteúdos das falas e com as ligações que o Concílio tinha com o Conselho Mundial de Igrejas. Discorreu com detalhes as celebrações de cada dia, de acordo com o seu olhar. Na chamada às nações na cerimônia de abertura, disse que era uma "cena verdadeiramente

patética, quando as bandeiras de cerca de 40 nações são apresentadas frente ao Púlpito, conduzidas por senhoritas", talvez incomodado com a presença feminina tão perto do lugar sagrado da pregação. Estranhou o orador do domingo, 19, pela manhã, "o Bispo Sabpathy Kulandran da Índia, com suas vestes talares, como um *padre romanista*" (grifos nossos). E incomodou-se também com o pregador G. Bromley Oxnam, Bispo metodista de Nova York:

> Orador fogoso, provocando, de quando em quando, hilaridade no auditório, com frases às vezes irreverentes. O hábito de dizer graçolas do púlpito não é apenas daquele bispo. Notei que isto é muito comum entre os pregadores americanos. Há ditos que provocam risos irreverentes e até risadas bem fortes. Talvez isto seja interessante lá, mas aqui, em nosso meio, não vai bem (O Christão, 1949, p. 151)

A expressão "aqui no nosso meio" denotava a sua padronização litúrgica e a relação do seu lugar de origem como matriz identitária. A presença do sexo feminino, a comparação com a estética do romanismo e as irreverentes risadas nas pregações, foram os elementos negativados por Lyra no seu relato.

Entretanto, sua narrativa destacou como ápice de sua participação na assembleia, a intervenção feita na quarta-feira, 22, às 09h, após a devocional e a defesa da tese intitulada *A Igreja e a desordem da Sociedade*. O representante brasileiro discursou discordando dos pontos de vista do orador, fazendo as seguintes considerações, numa fala emblemática:

> A cristandade evangélica defronta-se com dois enormes perigos – dois totalitarismos intolerantes e intoleráveis. Um religioso o (sic) outro político, fundamentalmente, materialista, e ambos com pretensões católicas. O totalitarismo religioso político com sua sede no Vaticano é o mesmo dos dias de Torquemada, da Inquisição, das fogueiras crepitantes, onde eram assadas as carnes dos hereges. Roma é sempre a mesma, inimiga da liberdade de consciência, com o mesmo anseio de restabelecer o Tribunal do Santo Ofício. Ninguém se engane: a cruzada que ela intenta contra o Comunismo tem âmbito mais amplo – visa destruir-nos também. A igreja romana é a mãe de todos os totalitarismos. O nazismo truculento copiou os seus métodos de torturas em modelos fornecidos pela igreja romana. O totalitarismo moscovita tem como regra áurea cercear a liberdade de pensamento, nos países onde vai dominando, seguindo pari-passu seu irmão siamês. Não é possível admitirmos um mundo de escravos, de múmias, sem vontade própria. Temos chegado a uma encruzilhada e nesta disjuntiva não podemos recuar, nem transigir com qualquer dos dois inimigos que teremos de enfrentar. O povo de Israel, libertado por Deus, e conduzido por Moisés, teve de parar à borda do Mar Vermelho, com suas ondas empoladas a barrar-lhes a passagem. Na retaguarda estava postado o Exército de Faraó; aos lados escarpadas montanhas impediam a fuga. Que fazer então, em tal conjuntura? Entregar-se nas mãos do inimigo passivamente? Não, mil vezes não. Moisés apelou para Deus e o Senhor

> deu-lhe esta ordem explícita: "Dize aos filhos de Israel que marchem". E esta é a mensagem que Ele tem para nós nesta hora crucial em que vivemos. Em grande parte, somos responsáveis pela atual situação caótica do mundo. Temos vivido um cristianismo superficial, fácil, enfermiço e quase cadavérico – cristianismo sem cruz, sem o espírito de renúncia. Revistamo-nos, irmãos, do Espírito de Cristo que, por nós "suportou a cruz, desprezando a afronta e assentou-se à destra do trono de Deus" (Heb. 12.2). Se tanto for necessário, constituamos de novo as igrejas das Catacumbas. Lembremo-nos que o nosso caminho é pela cruz, mas a nossa Pátria é lá no Céu. Com Cristo a vitória. Cristo e somente Cristo poderá dar solução a todos os problemas humanos (O Christão, 1949, p. 151,154).

Vale constatar que essa narrativa escrita de sua fala foi feita ou concluída dois meses depois do momento em que foi pronunciada. Ou seja, Lyra teve tempo para reelaborar uma sequência que fizesse sentido para os leitores e o contexto denominacional. Sua interpretação do conclave contribuiu para o alinhamento dos congregacionais e cristãos evangélicos se tornarem opositores ao ecumenismo e do modernismo a ele associado.

Para ele, a *cristandade evangélica* estava diante de dois perigos representados pelos totalitarismos religioso e político, sendo a Igreja Romana a mãe de todos eles. O nazismo incorporou seus métodos de tortura utilizados na Inquisição. O totalitarismo moscovita cerceava a liberdade de pensamento nos países por ele conquistados. Diante desses inimigos, não se poderia recuar. O exemplo de Moisés na fuga do Egito e diante do mar serviu para desafiar os ouvintes a marcharem "nesta hora crucial em que vivemos", num tom alarmista. Contudo, era preciso reconhecer a significativa parcela de responsabilidade pela situação caótica do mundo, ante um "cristianismo superficial, fácil, enfermiço e quase cadavérico – cristianismo sem cruz, sem o espírito de renúncia". Fez, então, um apelo dramático final para se "constituir de novo as igrejas das Catacumbas", sendo Cristo a solução para todos os problemas humanos (O Christão, 1949, p. 151,154).

O discurso não explicitou qual seria o sentido que atribuía à *cristandade evangélica*, ameaçada pelos totalitarismos, tendo a Igreja Católica como sua matriz formadora. Lyra parece remeter à experiência vivida no interior da Paraíba no embate com o capuchinho Frei Damião de Bozzano, em sua imagem do catolicismo intolerante, sem considerar outras configurações possíveis da Igreja Católica, tomada como instituição monolítica.

O anticatolicismo fazia parte da visão de mundo dos protestantes brasileiros, desenvolvida desde os embates teológicos e políticos no período do império. Lyra experimentou a beligerância do antiprotestantismo católico na Paraíba anos atrás e reproduziu a negação de que a Igreja Católica não era expressão do verdadeiro cristianismo. Por sua vez, anticatolicismo também estava colocado na obra fundadora do movimento fundamentalista, *The Fundamentals: a Testemony of the Truth*.[11] Havia uma lógica política no fundamentalismo, ante o posicionamento sobre a Igreja Católica, citando trechos do capítulo escrito por Thomas Whitelaw Medhurst (*Is Romanism Christianity?*):

> Em suas primeiras linhas, ele afirma: "Estou ciente de que, se eu tentar provar que o romanismo não é cristianismo, devo esperar ser chamado de "intolerante, severo, sem caridade". No entanto, não estou assustado; pois acredito que de uma compreensão correta deste assunto depende a salvação de milhões". [...] Consideremos bem o significado dessas passagens da Escritura. Paulo diz que não pode haver outro Evangelho; a conclusão, portanto, é evidente, de que esses professores não eram professores do cristianismo, mas de uma ilusão satânica. [...] Sugiro que o ensino de Roma seja pelo menos tão diferente daquele das Sagradas Escrituras quanto o que Paulo chama de "outro evangelho"; e que, portanto, suas palavras nos autorizam a dizer que o romanismo não é cristianismo (*apud* Magalhães, 2023, p. 107,108).[12]

Na perspectiva de Lyra, o impacto de sua fala caiu como uma "bomba atômica", a qual dividiu o Concílio em dois blocos e criou um mal-estar em muitos ouvintes. Interessante referir-se ao evento da bomba atômica, recentemente lançada sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagazaki quatro anos antes. Os dois blocos que surgiram após a sua explosão, o capitalista e o comunista, serviram como transfundo para interpretar os resultados da sua intervenção triunfalista no conclave.

Sua fala ficou sem conclusão pois fora cortada pela presidente da sessão por conta do tempo, mas o presidente do Concílio, Dr. Douglas Horton, prometeu reproduzi-la e distribui-la aos delegados, não sem antes "retirar alguma palavra mais forte contra a Igreja romana". A reação negativa ao seu discurso se deu, em

[11] Na obra de referência do movimento fundamentalista estadunidense, além do catolicismo, outros inimigos foram elencados como o liberalismo, o socialismo, o evolucionismo, a teologia liberal (Alta Crítica) e o modernismo. Essa controvérsia já se apresentava no Congresso do Panamá (1916) e se estendeu para as décadas seguintes no contexto estadunidense e também latino-americano (ver Piedra, 2008, p. 172ss).

[12] Capítulo escrito por Thomas Whitelaw Medhurst (*Is Romanism* Christianity). As citações encontram-se em Torrey e Dixon (1988, Vol.3, p. 288-290).

sua conclusão, pela ligação que havia entre o Conselho Mundial de Igrejas e o Concílio Internacional de Igrejas Congregacionais.

Lyra ainda testemunhou no encerramento do Concílio o discurso do "afamado teólogo Dr. Remnold (sic) Niebuhr que empolgou grande assistência", um "orador fluente e grande pensador".[13] E classificou sua escola teológica como bem avançada e tendente ao modernismo, "embora moderado". Para ele, Niebuhr contava com a admiração de uma elite no seio do protestantismo americano (O Christão, 1949, p. 168).

O desfecho de sua viagem se deu com visitas a igrejas de imigrantes portugueses e uma reunião com duas lideranças congregacionais estadunidenses já conhecidas, Dr. Goodsell e Dr. Greene, uma repetição do que havia acontecido quatro anos antes no Rio de Janeiro. As repercussões da sua fala certamente contribuíram para o distanciamento institucional. Goodseell quis saber a opinião dos brasileiros sobre os congregacionais americanos, se ainda permanecia o medo do modernismo e se era o desejo da denominação entrar em planos de cooperação. Lyra reafirmou a identidade doutrinária fundamentalista e que aceitaria a vinda de casais missionários *fundamentalistas*. Sua conclusão depois de mais outras reuniões foi

> que eles desejavam simplesmente unir nossa Denominação ao *International Congregational Council*, para formar uma frente única do Congregacionalismo mundial. Isto foi confirmado pelo fato de terem os vários líderes me declarado que não lhes é fácil enviar-nos missionários, por falta de verba e que não era lícito suprimir verbas destinadas a vários campos, para destiná-las a novos campos. É o caso de dizermos *All right*. Posso dizer aos companheiros que vinham alimentando a esperança de algum auxílio em dinheiro ou em missionários da parte dos congregacionais americanos que isso foi *sonho que não viveu* ... (O Christão, 1950, p. 18, grifos no original)

O sonho que não viveu foi o da vinda de recursos e de missionários para a denominação. O alinhamento ecumênico da *International Congregational Council*, tanto no sentido de um movimento de unidade entre as igrejas de tradição congregacionalista, como na colaboração com o *Conselho Mundial de Igrejas*, foi empecilho para a realização do plano de colaboração. Lyra, portanto, foi figura central para distanciar os congregacionais e cristãos evangélicos do contexto estadunidense e do ecumenismo protestante.

[13] Reinhold Niebuhr.

5. O tensionamento contra o modernismo dissolvente

A partir da experiência nos Estados Unidos e os contatos estreitados com o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC), presidido por Carl McIntire,[14] Lyra buscou mobilizar lideranças e a sua igreja para um alinhamento ao movimento que se organizava em termos continentais na América Latina.

> Após o Concílio visitou New Bedford, sendo hóspede do Rev. Calimério de Oliveira, brasileiro, que ali pastoreava a Igreja Portuguesa, recebendo deste um exemplar do livro "A Moderna Torre de babel", do Rev. Dr. Carl McIntire. Lendo-o, ficou interessado pelo movimento fundamentalista. Em 1950, a convite do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, tomou parte no 2º Congresso Plenário deste Concílio, em Genebra, tendo antes, com vários colegas brasileiros e americanos, visitado Roma, Palestina, Síria, Jordânia, Egito e Atenas. Tomou parte do Congresso Pan-Americano, em São Paulo, quando foi fundada a Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs, tendo sido eleito o seu primeiro presidente (Souza, 2019, p. 83, nota 41).

O Boletim Dominical da IE Fluminense de 20 de janeiro de 1952 publicou uma nota sobre o livro intitulado *Conferências e Teses*, do "Primeiro Congresso Evangélico Panamericano", realizado em São Paulo em julho de 1951. O evento foi promovido "sob os auspícios do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs" (CIIC), entidade maior do movimento fundamentalista, fundada em 1948. Segundo a nota, "figuram no volume teses magistrais sobre a situação espiritual do nosso continente e a ação insidiosa do modernismo teológico dissolvente através do Concílio Mundial de Igrejas e de suas agências espalhadas pelo mundo" (IEF, 26 de janeiro de 1952, p. 1). Por um lado, as teses versavam sobre temáticas principais do discurso teológico fundamentalista e, por outro, do empenho de organização do movimento no âmbito da América Latina.

O Cap. Edgard C. Bundy, um dos conferencistas, visitou e pregou na IE Fluminense em março de 1952, depois de ter passado por Recife, tendo sido recebido e ciceroneado pelo pastor presbiteriano Israel Gueiros. Ele foi descrito como oficial da Reserva da Força Aérea dos Estados Unidos, "condecorado com a mais alta distinção da Aviação da China", possuidor da "Medalha da Estrela de

[14] "Em 1941, McIntire fundou o Conselho Americano de Igrejas Cristãs, uma organização com forte identidade fundamentalista criada para fazer oposição ao Conselho Federal de Igrejas que possuía ideais ecumênicos. Posteriormente usou o mesmo argumento contra o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), fundado em 1948, em Amsterdam, com tendências ecumênicas. McIntire fundou, no mesmo local e ano, o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC) para combater o CMI. Desde a fundação do CIIC, McIntire foi eleito presidente sendo reeleito consecutivamente até sua morte em 2002" (Fajardo, 2016, p. 255).

Bronze Americana e cinco estrelas de combate" (IEF, 2 de março de 1952, p. 1). Bundy, segundo informações da época, era defensor dos pontos de vista do general Mac Arthur, responsável pela onda de caça às bruxas ao comunismo nos Estados Unidos, conhecido como *macartismo* e propagador do uso da força (Imprensa Popular, 5 de março de 1952, p. 3).

O fundamentalismo estadunidense utilizava em seus quadros não somente lideranças religiosas, mas expoentes do campo militar que, no uso das credenciais heroicizadas simbolicamente presentes nas fardas, dava ao movimento um teor militarizado, daí a linguagem teológica associada à guerra, ao conflito, à suspeita das infiltrações e simulações do inimigo a ser combatido e abatido. Sua ligação com as grandes fundações de famílias e de empresas ricas, tais como Ford, Carnegie e Rockefeller, tem sido demonstrada por uma historiografia estadunidense (ver Parmar, 2012; Porterfield, 2018; Grem, 2016).[15]

Lyra continuou divulgando as atividades do CIIC pelo mundo, como os congressos em Edimburgo, Escócia, e Beirute, República do Líbano em 1952, com a finalidade de despertar a consciência cristã ante o "perigo insidioso do modernismo teológico dissolvente e nocivo". Sua tarefa era também denunciar todas as manobras desse modernismo infiltrado por meio de "agências aparentemente inocentes" (IEF, 31 de agosto de 1952, p. 1). No mês de outubro desse ano, tomou parte, em São Paulo, na reunião da *Coligação Fundamentalista do Brasil* e percorreu igrejas pregando sobre o "perigo modernista" (IEF, 27 de outubro de 1952, p. 1).

O Boletim Dominical de sua igreja tornou-se um meio de atacar as atividades do movimento ecumênico, do Concílio Internacional Missionário e do Concílio Mundial de Igrejas, que almejavam formar uma Igreja Ecumênica.

> É também sabido de muita gente que a suspirada "Igreja Ecumênica" é a nova Babel que se tenta construir num mundo arruinado pelo pecado ou o antítipo da árvore misteriosa do sonho de Nabucodonosor, abrigando nos seus ramos religiosos dum protestantismo doutrinalmente corrupto, da igreja ortodoxa, do romanismo, budismo, xintoísmo e de todos os ismos existentes e que venham a existir (IEF, 22 de fevereiro de 1952, p. 1).

[15] A tese de Rodrigo de Sá Netto, "O Partido da Fé capitalista: organizações religiosas e o imperialismo norte-americano na segunda metade do século XX", explora com maior profundidade as relações entre o fundamentalismo com o capitalismo estadunidense (Netto, 2022).

Citando Carl McIntire, liderança principal do CIIC, o modernismo, como um "fermento que leveda toda a massa", equivalia a um "funesto reino", que utilizava a terminologia bíblica, se apropriava da história e eliminava qualquer "minoria militante" de oposição. Representava a "apostasia em marcha" e suas lideranças trouxeram à existência o Concílio Mundial de Igrejas em 1948, ligado ao Concílio Internacional Missionário (IEF, 24 de maio de 1953, p. 1).

As críticas ao modernismo teológico se voltavam também para o ambiente interno da UIECCB e o seu Instituto Bíblico da Pedra, um centro de ensino e de formação de suas lideranças. No contexto denominacional, Lyra tensionou com lideranças não fundamentalistas como a do Pr. Manoel da Silveira Porto Filho, presidente da UIECCB no período (IEF, 10 de fevereiro de 1952, p. 1).

A sua militância se estendeu para a América Latina quando foi eleito em 1951 presidente da Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs (ALADIC), extensão da CIIC. Em janeiro de 1954, foi para a cidade de Santiago do Chile, participar do 2º Congresso da ALADIC, ainda na condição de presidente (IEF, 3 de janeiro de 1954, p. 1). Em seu retorno, trouxe o Rev. Dr. McIntire, líder mundial do CIIC, que pregou na sua igreja, "uma mensagem inspiradora e verdadeiramente bíblica" (IEF, 31 de janeiro de 1954, p. 1).

> Deve-se registrar que, entre 1951 e 1954, Synesio presidiu a Aliança Latino-Americana das Igrejas Cristãs, posteriormente atuou na Confederação das Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil (1956/1960) e participou da comissão executiva do Concílio Internacional das Igrejas Cristãs, que havia sido criado por lideranças dispensacionalistas em oposição ao Conselho Mundial de Igrejas (1948). Mencionamos essas atuações porque elas revelam não só articulações no interior do meio evangélico nacional, mas também no plano internacional, o que nos ajuda a entender o interesse do pastor Synésio pelo tema do Sionismo e pelas questões geopolíticas, envolvendo judeus e palestinos (Machado; Mariz; Carranza, 2022, p. 231,232).

Mas este cenário desembocou numa crise interna na IE Fluminense. Em 1951, a sua assembleia mensal de membros havia decidido hospedar o 3º Congresso da ALADIC, planejado para o mês de julho de 1956 (IEF, 14 de março de 1954, p. 1). A realização desse evento, indicaria a filiação da IE Fluminense ao movimento de radicalização promovido pela CIIC. A pregação dispensacionalista, o radicalismo antimodernista e a decisão de apoiar o congresso, se tornaram

motivos para o maior tensionamento no contexto interno da IE Fluminense, ante as resistências a este alinhamento. O registro abaixo é revelador de tensões vividas em seu pastorado:

> MODERNISMO TEOLÓGICO - Muitos irmãos são de opinião que não se deve combater as heresias modernistas, visto que não as temos em nosso meio. Para que combater – perguntam – o que não está nos prejudicando? O modernismo deve ser combatido – dizem alguns – nas igrejas onde ele já opera. As ideias parecem muito inocentes. E eu mesmo não responderei a tais objeções. Deixo que Jesus responda e, se for lógica a resposta, como creio que é, os irmãos a quem me referi acima saberão escolher o caminho certo [...] (Mateus 24.23 e 13.24-16). Jesus nos exorta e sermos vigilantes. [...] Prefiro ser excessivamente zeloso pela defesa da doutrina que o Senhor me confiou a ser negligente. Sei que há colegas que entregam seus púlpitos a aventureiros ou aventureiras e eles semeiam seus erros doutrinários, lançando a confusão entre os crentes humildes, inexperientes e sem doutrina (IEF, 28 de março de 1954, p. 1).

Mesmo deixando de ser o redator do Boletim Dominical foi noticiada sua viagem aos Estados Unidos para o 3º Congresso Plenário do CIIC, na Filadélfia, realizado nos dias 3 a 13 de agosto de 1954 (IEF, 18 de julho de 1954, p. 1). Seu retorno coincidiu com o impacto social e político do suicídio do presidente Getúlio Vargas. Lyra integrou a comissão que, em nome dos evangélicos brasileiros, visitou o Presidente Café Filho que recebeu uma bíblia de presente (IEF, 7 de novembro de 1954, p. 1).

O ano de 1955 foi de comemorações do *centenário* da IE Fluminense que, embora registrada como Igreja e reconhecida pelo Império em 1858, tinha o mês de agosto de 1855 como ponto de partida de sua existência. O centenário encobriu e estendeu as tensões na comunidade para com a liderança de Lyra. Ele retornou à edição do Boletim Dominical exatamente no dia 14 do mês de agosto de 1955, permanecendo até a edição de 2 de setembro de 1956. Na edição de 21 de agosto de 1955, com maior número de páginas numa edição especial, trouxe as fotografias do casal fundador e um texto histórico intitulado *Pioneiros dos Pioneiros*, Robert Kalley e Sarah Kalley. Nele, o *novo* redator imprimiu sua leitura dogmatizante e polemista da performance missionária do casal ante o inimigo romanista durante a fundação da igreja (IEF, 21 de agosto de 1955, p. 1,2).

Contudo, a realização do congresso em 1956 da ALADIC nas dependências da IE Fluminense, coincidiu com a crise interna e o cisma com a saída de um

grupo de membros, para formar outra igreja congregacional.[16] A indicação de Lyra à presidência da Confederação das Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil em julho (A Noite, 30 de julho de 1956, p. 6), havia tornado o ambiente ainda mais tensionado e sua tentativa de ser jubilado no pastorado da IE Fluminense encontrou resistências. A Igreja, então, num processo conflitivo, recusou a sua inserção no movimento fundamentalista, levando Lyra a deixar o seu pastorado (IEF, livro de Atas, 7 de maio de 1956, p. 104 a 123).

Concomitantemente e não sem coincidência, em 30 de julho de 1956, a Igreja Presbiteriana do Recife, pastoreada pelo pastor e médico Israel F. Gueiros, "renunciou temporariamente à jurisdição da Igreja Presbiteriana do Brasil, à qual estava ESPIRITUAL e ECLESIASTICAMENTE ligada" (Diário De Pernambuco, 13 de agosto de 1959, p. 11). Lyra e Gueiros mantinham afinidades em termos pessoais de amizade e de ligações familiares. Ambos estavam afinados também com a retórica fundamentalista, sendo apoiadores de Carl McIntire no Brasil, organizando eventos e reuniões para que o líder estadunidense tivesse uma agenda para divulgar suas ideias.

Israel Gueiros contava com prestígio social na capital pernambucana, atuando também como médico e cirurgião. Desde finais da década de 1930, ministrava palestras na Sociedade Acadêmica de Medicina, transmitida pela Rádio Educação do estado (Jornal Pequeno, 1938, p. 1). Enfrentou conflitos internos no contexto eclesiástico da Igreja Presbiteriana do Brasil, ao disseminar as ideias fundamentalistas, do mesmo modo que Synesio Lyra na UIECCB. Gueiros fundou a Igreja Presbiteriana Fundamentalista no Brasil e foi convidado por McIntire para ser o seu vice no CIIC (Fajardo, 2016, p. 264).[17]

6. O insensato Materialismo Dialético

A ruptura com a IE Fluminense e com a UIECCB, contribuiu para que Synesio Lyra perdesse bases mais simbólicas, eclesiásticas e representativas que lhe davam visibilidade e sustentação. Embora continuasse na militância do

[16] Igreja Bíblica Congregacional no bairro do Rio Comprido, Rio de Janeiro.

[17] Em 1959, Gueiros foi o condutor e intérprete de McIntire num roteiro de comemorações do centenário do presbiterianismo no Brasil, em Recife e em São Paulo, divulgando o movimento fundamentalista, eventos promovidos pela Igreja Presbiteriana Fundamentalista e Conservadora do Brasil (Diário de Pernambuco, 13 de agosto de 1959, p. 11).

movimento fundamentalista, o protagonismo no Brasil e na América Latina passou a ser de outros agentes, a exemplo do próprio Israel Gueiros.

O Brasil se tornaria estratégico para as aspirações de McIntire e do CIIC, como país sede de seus congressos, visando fortalecer suas bases na América Latina, continente de disputas entre as narrativas ideológicas travadas pelo transfundo da guerra fria. Mas Lyra ainda teria uma importante participação no 4º Congresso Plenário do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, que se realizou nos dias 12 a 21 de agosto de 1958, quando reuniu cerca de mil pessoas de 45 países diferentes, nas dependências do Hotel Quitandinha, em Petrópolis, Rio de Janeiro, contando com 61 denominações representadas.[18]

Juntamente com Israel Gueiros e Margaret Harden (missionária ligada à Junta Presbiteriana Independente de Missões Estrangeiras), formou a Comissão Organizadora do conclave, cujo tema foi "O Cristo das Escrituras" (O Jornal, 2 de agosto de 1958, p. 8). Alguns periódicos seculares, cada um com sua vertente ideológica e interesse político, noticiaram o evento sem muita ênfase, realçando os seus aspectos reacionários e contundentes voltados ao avanço do comunismo no mundo. Israel Gueiros, por exemplo, declarou que a Rússia estaria enviando "padres renegados protestantes, traidores e pseudorreligiosos", citando nomes como o do missionário escocês John Mckay, disfarçados como enviados pela Igreja Ortodoxa Russa, aliada e subordinada ao império comunista (Tribuna Da Imprensa, 1958, p. 1).

Para McIntire, principal palestrante, o mundo estava dividido entre Cristo e Marx. A Polícia Secreta Russa infiltrava pastores nos segmentos protestantes brasileiros via Conselho Mundial de Igreja e o ecumenismo. Essas lideranças e entidades simulavam suas intenções de conquista ao *credo vermelho* pelo discurso pacifista (Jornal do Comércio, 21 de agosto de 1958, p. 5). Entretanto, o conteúdo dos discursos no congresso não era voltado somente para o delírio das conspirações soviéticas russas, mas também para a imoralidade de líderes políticos e religiosos, além de *sociólogos*, que não eram exemplos para mocidade em decadência, afetada pela pecaminosidade do coração (Jornal do Comércio, 20

[18] Os três congressos anteriores aconteceram em Amsterdam, Genebra e Filadelfia (Diário Carioca, 10 de agosto de 1958, p.1).

de agosto de 1958, p. 2). Um ano depois, a Revolução Cubana trazia mais ingredientes argumentativos para a retórica fundamentalista do avanço do comunismo.[19]

O significado desse elenco de ataques estava no seu poder de penetração do anticomunismo no imaginário evangélico, ideário compartilhado com a mesma propaganda da direita reacionária do período.[20]

Considerações Finais

A expressão institucional do movimento fundamentalista encarnada no CIIC de McIntire perderia seu fôlego e representatividade iniciais e, uma das possíveis razões para tal, foi a não adesão à sua retórica radicalizada e ênfase cismática por parte das principais denominações do protestantismo nacional. Haviam outras sombras cismáticas oriundas dos movimentos pentecostais e de renovação, por exemplo.

Por mais que o movimento ecumênico estivesse se tornando uma minoria dentro do minoritário protestantismo, ainda assim mostrou a sua força e representatividade, a exemplo da Conferência do Nordeste, realizada em Recife, em 1962, promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da CEB (CEB, 1962).

Por sua vez, o fundamentalismo seria assimilado pela maior parte dos evangélicos enquanto discurso, forma de pensamento, conjunto de atitudes e visão binária da realidade. Isto devido à sua prédica que tinha como premissa a denúncia da conspiração permanente do inimigo comunista, cuja intenção não confessada era o fim do cristianismo. Os argumentos se fortaleciam nas acusações a personalidades, jornais, instituições, igrejas e movimentos, representantes da

[19] Para o Rev. J. B. Matthews, ex Investigador Chefe do Comitê de Atividades Antiamericanas de Nova Iorque, "no comunismo, o universo e o tudo na vida são sujeitos a um insensato materialismo dialético" e "o alvo do comunismo é a total conquista e a extinção final do Cristianismo" (Diário Carioca, 16 de agosto de 1958, p. 12). Nestes termos, Matthews acusou diversas personalidades como sendo comunistas, a exemplo dos prêmios Nobel Albert Einstein (físico), Thomas Mann (escritor), Emily Greene Balch (pacifista), o bispo metodista W. L. Walls e o Rev. Edwin T. Dahlberg, membro do Conselho Mundial de Igrejas. Além destas, acusou teólogos renomados ligados a instituições como Union Theological Seminary, Universidade de Michigan, Universidade de Harvard e Universidade de Yale. Periódicos protestantes e seus editores também não foram poupados, ao serem identificados como instrumentos das organizações de paz comunistas.

[20] Carl McIntire foi reeleito pela quarta vez como presidente do CIIC em Petrópolis. A Comunhão Internacional das Igrejas Batistas Regulares e a Aliança Mundial das Igrejas Reformadas e Presbiterianas, foram aceitas e incluídas na CIIC. Israel Gueiros foi o sucessor de Lyra na presidência da seção latino-americana do CIIC, a ALADIC, na década de 1960. Em 1967, o seu 7º Congresso se reuniu em Recife, contou com cerca de 149 delegados que representaram treze países latino-americanos, além de Estados Unidos, Canadá e Europa (Diário de Pernambuco, 18 de junho de 1967 e 18 de julho de 1967, p. 8/10).

infiltração sorrateira bolchevista, e baseados nas evidências de estatísticas, índices e números. Por fim, utilizava-se textos bíblicos sob o medo da ameaça, com o incisivo apelo ao compromisso espiritual para com a *verdadeira fé cristã*, colocada numa dimensão escatológica do fim do mundo.

O mundo não acabou e as décadas seguintes viram como esse processo culminou no discurso político e religioso de sustentação ao golpe civil-militar de 1964. Em outras palavras, o *insucesso* institucional do fundamentalismo nas suas investidas na década de 1950, não significou o seu fim, pelo contrário, a conjuntura posterior formaria as condições para a sua hegemonia, a partir da adesão por parte das denominações evangélicas, apoiadoras e cúmplices dos rumos tomados pelo regime ditatorial na década de 1970.

Lyra deu contornos próprios ao discurso fundamentalista por ele elaborado, a partir de sua experiência de conflito aberto ao dogmatismo capuchinho na década de 1930. Seu empenho em tornar a Igreja Evangélica Fluminense um baluarte desse movimento fracassou. No contexto da UIECCB, sua militância foi barrada por outras lideranças que mantiveram a autonomia da estrutura eclesiástica em relação ao fundamentalismo institucionalizado. Enfim, foi um agente orgânico que circulou a favor de um movimento, que se tornaria elemento estruturador da visão de mundo e da ação política reacionárias de parte do segmento evangélico brasileiro, até aos nossos dias.

REFERÊNCIAS

A NOITE, ano XLV, 30 de julho de 1956, nº 15378.

ALMEIDA, Fábio Py Murta de. **Lauro Bretones, um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2016. Tese (Doutorado)

ANDERSON, Gerald H. ed. **Biographical dictionary of christian missions**. New York: Macmillan Reference USA, 1998.

ARAÚJO, Bruno César Cordeiro de. **Embates da fé**: conflitos religiosos entre congregacionais e católicos no sertão da Paraíba (1930-1940). Recife, PE: UNICAP, 2020. Dissertação de Mestrado).

BELLOTTI, Karina Kosicki. "A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo norte-americano e a reconstrução dos "valores familiares" pela mídia. In: **Mandrágora**, nº 14 (2008), p. 55-72.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio: Bertrand, 2000.

BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música sacra evangélica no Brasil:** contribuição à sua história. Rio de Janeiro: Kosmos, 1961.

CEB - CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL. **Relatórios.** Biênio 1940-1942. Rio de Janeiro: CEB, 1942.

CEB. - CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL. **Cristo e o processo revolucionário brasileiro**. Recife: Editora Loqui, 1962.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul:** tendências e desafios para a ação. Salvador, BA: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2020.

DALE, Robert William. **Manual of Congregational Principles**. Ed. Dr. Digby L. James. Londres: Quinta Press, 1996.

DIÁRIO CARIOCA, Ano [?], 10 de agosto de 1958, nº 9226.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ano 134, quinta-feira, 13 de agosto de 1959, nº 182.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, ano 142, quinta-feira, 18 de junho de 1967 e 18 de julho de 1967, nº 141 e nº165.

ECUMENICAL PRESS SERVICE. Ano 16, 18 de julho de 1949, nº 29, p. 8,9/p.219,211. https://archive.org/details/wcceps_1949/page/221/mode/2up?view=theater. Acessado em 2 de agosto de 2023.

FAJARDO, Alexander. "Fundamentalismo protestante nos Estados Unidos e Brasil: intolerância religiosa no rádio e seus (des)caminhos sonoros". In: **Paralellus**, Recife, v. 7, n. 15, mai./ago. 2016, p. 249-271.

FREIRE, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira:** Assembleias de Deus – 1911 a 2011. 2 ed. São Paulo: Recriar, 2019.

FRESTON, Paulo. **Protestantes e Política no Brasil:** da constituinte ao impeachment. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima Alves de**. Educar e Civilizar o Brasil na obra do médico missionário João Gomes da Rocha:** intelectual da educação protestante (1924-1957). João Pessoa, PB: UFPB, 2023. Tese (doutorado)

GONÇALVES, Carlos Barros. **Unum Corpus Sumus in Cristo?** Iniciativas de fraternidade e cooperação protestante no Brasil (1888-1917). Cutiriba, PR; CRV, 2020a. Volume 1.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Unum Corpus Sumus in Cristo?** Iniciativas de fraternidade e cooperação protestante no Brasil (1917-1940). Cutiriba, PR; CRV, 2020b.

Volume 2.

GREM, Darren E. **The Blessings of Business:** How Corporations Shaped Conservative Christianity. EUA: University of Mississippi, 2016.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo E. **Um protestantismo protestante**: Richard Shaull, missão e revolução. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2012. Tese (Doutorado)

IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE, **Boletim Dominical**, Ano 14, 4 de setembro de 1938, Número Especial, nº 10; Ano XXVIII, 26 de janeiro de 1952, nº 3; Ano XXVIII, 10 de fevereiro de 1952, nº 6; Ano XXVIII, 2 de março de 1952, nº 9; Ano XXVIII, 31 de agosto de 1952, nº 35; Ano XXVIII, 27 de outubro de 1952, nº 43; Ano XXIX, 22 de fevereiro de 1953, nº 8; Ano XXIX, 12 de abril de 1953, nº 15; Ano XXIX, 24 de maio de 1953, nº 21; Ano XXX, 3 de janeiro de 1954, nº 1; Ano XXX, 31 de janeiro de 1954, nº 5; Ano XXX, 14 de março de 1954, nº 11; Ano XXX, 28 de março de 1954, nº 13; Ano XXX, 18 de julho de 1954, nº 29; Ano XXX, 7 de novembro de 1954, nº 45; Ano XXXI, 21 de agosto de 1955, nº 34.

IGREJA EVANGÉLICA FLUMINENSE, **Livro de Atas**, Maio a novembro de 1956, p. 104 a 123.

IMPRENSA POPULAR, Ano IV, 5 de março de 1952, nº 997.

JORNAL DO COMÉRCIO, Ano 131, 20 e 21 de agosto de 1958, nº 270 e nº 274.

JORNAL PEQUENO, ano XL, 5 de outubro de 1938, nº 227.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. **"Entre a sacristia e o laboratório"**: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942). Assis, UNESP/Faculdade de Ciências e Letras, 2008. Tese (Doutorado)

LONGUINI NETO, Luiz. **O novo rosto da missão:** os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa, MG: Ultimato, 2002.

LYRA, Synésio. **Controvérsias religiosas**. Recife, PE: s/e, 1935.

MACHADO, Maria das Dores; MARIZ, Cecília Loreto; CARRANZA, Brenda. "Genealogia do sionismo evangélico no Brasil". In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 42(2)225-248, 2022.

MAGALHÃES, Israel Vieira. **O fundamentalismo cristão**: notas para sua conceituação e superação. Rio de Janeiro: PUC, 2023. Dissertação de Mestrado.

MARSDEN, George. **Fundamentalism and American Culture:** Shaping of Twentieth-century Evangelicalism, 1870-1925. New York: Orford University Press, 2006.

MARTINS, Marcos Francisco. "Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política". In: **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 131-148, set./dez. 2011.

NETTO, Rodrigo de Sá. **O Partido da Fé Capitalista:** organizações religiosas e o imperialismo norte-americano na segunda metade do século XX. Niterói, RJ: UFF,

2022. Tese (Doutorado).

NORTE CHRISTÃO, Ano III, janeiro de 1928, nº 1.

O CHRISTÃO, Ano LIII, 30 de abril de 1944, nº 8.

O CHRISTÃO, Ano LIII, 15 e 31de maio de 1944, nº 8.

O CHRISTÃO, Ano LVIII, 31 de maio de 1949, nº 9-10.

O CHRISTÃO, Ano LVIII, 31 de agosto de 1949, nº 16.

O CHRISTÃO, Ano LVIII, 30 de setembro de 1949, nº 17-18.

O CHRISTÃO, Ano LVIII, 31 de outubro de 1949, nº 19-20.

O CHRISTÃO, Ano LVIII, 30 de novembro de 1949, nº 21-22.

O CHRISTÃO, Ano LVIII, 31 de dezembro de 1949, nº 24.

O CHRISTÃO, Ano LIX, 31 de janeiro de 1950, nº 1-2.

O CHRISTÃO, Ano 93, maio/junho de 1984.

O JORNAL, Ano XXXVII, 2 de agosto de 1958, nº 11625.

PARMAR, Inderjeet. **Foundations of the american century:** The Ford, Carnegie, and Rockefeller Foundations in the rise of America Power. New York: Columbia University Press, 2012.

PIEDRA, Arturo. **Evangelização protestante na América Latina:** análise das razões que justificaram a expansão protestante. Trad. Roseli Schrader Giese. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2008.

PORTERFIELD, Amanda. **Corporate Spirit:** Religion and the Rise of the Modern Corporation. EUA: Florida State University, 2018.

PORTO FILHO, Manoel da Silveira. **Congregacionalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: UIECB, 1983.

Proceedings of the sixth International Congregational Council, Wellesley College, Wellesley, Massachusetts, U.S.A., June 17th-24th, 1949. (1949). Pilgrim Press. In: https://anu.primo.exlibrisgroup.com/permalink/61ANU_INST/auraal/alma991009500399707631. Acesso em 10/8/2023.

ROUNER JR. Arthur A. **The Congregational way of life**. New Jersey, USA. Prentice-Hall. 1960.

SANTOS, Lyndon de Araújo. “Independência ou Máquina”: Uma História Institucional dos Congregacionais no Brasil (1913 a 2022). In: SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de & LEAL, Márcio de Carvalho, ed. **Os Congregacionais no Brasil**: Perspectivas históricas e teológicas. Rio de Janeiro: UIECB, 2023, p. 197-291.

SANTOS, Lyndon de Araújo**. Os Mascates da Fé**: História dos Evangélicos no Brasil (1855-1900). Curitiba, PR: CRV, 2017a.

SANTOS, Lyndon de Araújo. "O Cristo Vivo Na Civilização: Protestantismo e Espaço Público no Brasil (1930-1932)". In: **Horizonte**, vol. 15, no. 47, 2017b, pp. 949-973.

SEAWRIGH, Leandro. "Batistas na era Vargas: da Revolução de 30 ao proscênio do estado novo". In: História (São Paulo), v.41, e2022025, 2022, p. 1 a 28.

SOUZA, José Roberto de. **"Ontem, Simonton. Hoje, McIntire":** O surgimento e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil na cidade do Recife (1956-1995). Recife: UNICAP, 2019. Tese (Doutorado).

TORREY, R. A.; DIXON, A. C. (Ed.). **The Fundamentals**: a testimony to the truth. Vols. I- IV. Michigan: Baker Book House, (reprinted) 1988.

TRIBUNA DA IMPRENSA, Ano X, 17 de setembro de 1958, nº 2644.